

INCURSÕES DE ROBERTO BENJAMIN NA FOLKCOMUNICAÇÃO: INTERFERÊNCIA TEÓRICA E PENSAMENTO EMPÍRICO

Guilherme Moreira Fernandes¹
Maria José Oliveira²

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo destacar algumas contribuições do professor Roberto Benjamin para a atualização e desenvolvimento da teoria da Folkcomunicação cunhada por Luiz Beltrão em 1967. Dividido em duas partes o trabalho busca ressaltar as contribuições teóricas como a concepção da “Nova Abrangência da Folkcomunicação” que consiste em seis pontos de estudos e pesquisa, sendo que alguns deles não estão presentes nas obras de Beltrão e a definição inicial da folkmídia como os canais específicos de comunicação a nível folk. Na segunda parte destacamos três aspectos de pesquisa empírica: festas populares, espetacularização e folhetos populares. Concluímos que as contribuições de Benjamin são de fundamental importância para os atuais estudos em face aos processos de globalização econômica e cultural.

Palavras-Chave: *Folkmídia; Literatura de Cordel; Festas Populares; Espetacularização*

Introdução

Roberto Emerson Câmara Benjamin³ configura-se como um dos principais teóricos da Folkcomunicação, discípulo direto do mestre Luiz Beltrão. É de autoria dele o primeiro estudo monográfico baseado na teoria recém-criada por Beltrão em sua tese de doutorado datada de

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Diretor Administrativo da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). email: gui_facom@hotmail.com.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Integra o Conselho Fiscal da Rede Folkcom. E-mail: maria.design@hotmail.com.

³ Roberto Benjamin faleceu recentemente, no dia 20 de outubro de 2013.

1967. O trabalho “Folhetos populares: intermediários no processo da comunicação⁴”, de 1968, preocupa-se com a mediação dos canais populares no processo de comunicação de massa. Para este estudo, Benjamin valeu-se dos folhetos de atualidade em que os poetas agem como jornalistas e relatam acontecimentos locais e regionais. Vão à cena do crime ou acidente, entrevistam testemunhas ou busca como referência os próprios veículos de comunicação massiva (caso não tenha acesso direto aos oficiais) – sempre citando as fontes. Todavia, diferentemente dos veículos de massa, a linguagem utilizada pelos comunicadores folk é coloquial e próxima à fala do seu público-leitor. Desta forma, os folhetos de atualidade (ou de ocasião) são os intermediários entre um acontecimento (notícia) e o público (audiência), assim os poetas (ou poeta-repórter) assumem papel de líder de opinião (conceito de Lazarsfeld adaptado por Beltrão) e o folheto popular de canal folkmediático. (BENJAMIN, 1980, p. 110).

A admiração mútua de Benjamin e Beltrão pode ser verificada em fragmentos do livro “Itinerário de Luiz Beltrão” organizado por Benjamin (1998). Em carta⁵ a Tereza Halliday (In: BENJAMIN, 1998, p. 266) o professor Luiz Beltrão comenta o “caos” da pesquisa em comunicação no Brasil “à exceção do pioneirismo da pesquisa dos extensionistas agrícolas e dos trabalhos de Roberto, Marques e uns poucos sociólogos e comunicólogos de São Paulo (...) se encontra algo de real valor e importância para o desenvolvimento sócio-cultural brasileiro”. A crítica continua e encontra eco em outra carta⁶ de Beltrão, desta vez destinada ao próprio Benjamin.

Creio que agora, a cada dia que passa, vamos ter maiores manifestações da esquerda festiva, disfarçada em ciência ou em crítica social míope. E, no mundo da folkcomunicação, pelo hermetismo do segmento simbólico da mensagem, há lugar para a intromissão de ideólogos da direita ou da esquerda: os primeiros, com a tímida e casta donzela da “comunicação gestual”, que poderia ter ido muito mais adiante na sua análise do frevo como dança reveladora de uma violência (virilidade, audácia, destreza, espírito de luta, etc) do povo; e os segundos, escamoteando, nas manifestações autênticas do pensamento e da ideologia dos marginalizados, tudo quanto contraria ou prejudicaria suas hipóteses pré-concebidas. Muito bem, Roberto, pau neles... e vamos para diante com um trabalho sério e construtivo de pesquisa e interpretação, pois assim estaremos no caminho certo – *in medio, virtus*, quer o *medio* seja a posição central, quer seja o canal que estudamos. (BENJAMIN, 1998, p. 268).

Benjamin também relata sua experiência com a Folkcomunicação em um depoimento ao livro:

⁴ Marques de Melo (2008, p. 131) e Benjamin (2000, p. 13)

⁵ Carta datada de 09 de agosto de 1978.

⁶ Carta datada de 27 de julho de 1979.

Embora tenha trabalhado com técnicas quantitativas, foi na Folkcomunicação que encontrei o foco de interesse para a pesquisa científica. Sempre trocava idéias, por correspondência, e dava-lhe notícias do andamento das pesquisas que estava realizando. Nos congressos, sempre tínhamos longas conversas. (BENJAMIN, 1998, p. 247).

Assim, utilizando a folkcomunicação como referencial teórico, Roberto Benjamin desenvolveu diversos trabalhos, sobretudo etnográficos, observando as novas configurações das tradições populares em face à contemporaneidade. Destacam-se os estudos sobre a festa do Rosário de Pombal (com seu [ex] aluno Osvaldo Trigueiro), os Folguedos e Danças populares e o Carnaval. Todavia, cremos que a maior contribuição do mestre Benjamin para a nova geração de pesquisadores da Folkcomunicação é a concepção da “nova abrangência da folkcomunicação”, o que além dos seis tópicos de estudo, inclui uma introdução às pesquisas em folkmídia, folkmarketing e folkturismo. Como afirma o professor José Marques de Melo (2008, p. 151), Roberto Benjamin tornou-se o principal disciplino de Beltrão nesta área de estudo. Pensando nessas contribuições, esse artigo tem como principal objetivo apontar essas contribuições de Roberto Benjamin no universo folkcomunicacional. Para isso dividimos em duas partes, a primeira com as contribuições teóricas e a segunda com os trabalhos empíricos.

PARTE I – Contribuições teóricas

A nova abrangência da Folkcomunicação

Com a intenção de atualizar a obra de Luiz Beltrão e observando que diversos trabalhos monográficos contemplam objetos não delimitados nas obras basilares de Folkcomunicação, o professor Roberto Benjamin percebeu que

Seus continuadores procuraram expandir a conceituação e estabelecer a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa, incluindo em seus estudos as mediação realizada pelas manifestações populares na recepção da comunicação de massa, a apropriação da tradição popular pelos *mass media* e a apropriação pela cultura popular de aspectos da cultura de massa. (BENJAMIN, 1998b, p. 136).

Assim, com bases nessas características citadas, o professor concebeu a “nova abrangência da Folkcomunicação”. Consideramos a obra “Folkcomunicação no contexto de massa” (BENJAMIN, 2000) um marco nos estudos de Folkcomunicação. No primeiro capítulo dessa obra, o emérito professor apresenta os seis tópicos (tabela 1) da nova abrangência da folkcomunicação. Os capítulos que seguintes são dedicados a cada um dos pontos. Além de um

relato teórico, Benjamin apresenta diversas pesquisas (a grande maioria realizada por ele mesmo) em cada um dos tópicos⁷.

Desta forma iremos apresentar teoricamente e empiricamente a nova abrangência da Folkcomunicação. A tabela abaixo foi formulado por Benjamin (2000, p. 16) para representar sua concepção da Folkcomunicação.

Tópico	Área de Estudos
1) A comunicação interpessoal e grupal ocorrente na cultura folk	Produção - Mensagem
2) A mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa	Recepção
3) A apropriação das tecnologias da comunicação de massa (e outras) e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk	Produção
4) A presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk.	Recepção Efeito
5) Apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massa e pela cultura erudita (projeção do folclore)	Produção Efeitos da mensagem
6) A recepção da cultura folk de elementos de sua própria cultura reprocessada pela cultura de massa.	Recepção Efeitos

Tabela 1: Nova abrangência da Folkcomunicação

Além de ampliar o conceito tradicional de folkcomunicação⁸, Benjamin aponta novos caminhos e possibilidades de estudos. A descrição dos tópicos deixa claro a influência funcionalista dos estudos de Katz, Lazarsfeld, Schramm e do próprio Luiz Beltrão em sua redefinição da concepção de líder de opinião. Embora Benjamin evoque discussões sobre identidades regionais e locais e processos de mediação simbólica, o pesquisador não sugere nenhuma aproximação com os Estudos Culturais, todavia percebemos essa possibilidade nos itens 3, 4, 5 e 6.

O primeiro tópico de estudos é denominado de “a comunicação (intergrupal e grupal) ocorrente na cultura folk”. Segundo Benjamin (2000, p. 17), esse é o campo para a análise do comunicador, da mensagem, do canal, do receptor, das intenções e dos efeitos, ou seja, “o processo de comunicação interpessoal e grupal ocorrente entre a população de cultura folk”.

⁷ Uma versão compactada das ideias apresentadas neste livro pode ser consultada no artigo: BENJAMIN, Roberto. A teoria da Folkcomunicação e o pioneirismo de Luiz Beltrão. In: SCHMIDT, Cristina (org). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006. p.50-61.

⁸ Folkcomunicação é o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opinião, idéias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (BELTRÃO, 2001, p. 79).

Esse estudo leva em conta os aspectos de mediação tanto entre a população de cultura folk como nos demais segmentos da sociedade. Assim, configuram-se como veículos de manifestação popular os folhetos, almanaques, mamulengos e narrativas populares, assumindo funções de informação, educação, alienação e lazer.

Já “a mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa” leva em consideração a presença do líder de opinião como intermediário entre sistema de comunicação de massa e sistema de comunicação popular. Benjamin chama a atenção para o estudo dos folhetos e dos poetas populares por funcionarem como fonte de comunicação comum, pelo fato de utilizarem códigos que interagem com a cultura própria de um determinado grupo.

Em “A apropriação de tecnologias da comunicação de massa e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk”, está implícita a ideia do uso da internet e da produção de vídeos feitos por poetas populares para transmitir e veicular seu pensamento. Este tópico não prevê a veiculação deste material nos *mass media*, mas aponta que a crescente popularização da tecnologia faz com que, poetas populares, por exemplo, possa transmitir suas atitudes para outras regiões que antes não teriam acesso.

Outro ponto de estudo é “a presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk” que pode ser diagnosticada na “descaracterização” de festas folclóricas, como por exemplo as festas juninas que incorporam elementos que não lhe eram típicos em virtude do que é apresentado nos veículos massivos. Outro ponto que pode ser citado são os mitos transmitidos tanto de forma oral (tradicional) como pelos *mass media*, com isso há uma hibridização e uma tentativa de reprocessar os novos elementos advindos da mídia no seu meio.

O quinto ponto que Benjamin constata é “a apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massa e pela cultura erudita”. Nesse campo concentram-se os estudos da projeção folclórica na literatura, música, programas televisivos e radiofônicos, além de danças eruditas. Benjamin apresenta, assim, o conceito de *folk media*⁹ que são o uso de canais específicos da cultura popular, como panfletos, folhetos e mamulengos. Ainda a respeito da apropriação da cultura folk pela cultura de massa, Benjamin chama a atenção para a relação

⁹ Posteriormente o professor Joseph Luyten reformulou este conceito, com a tese de que a folkmídia não são só os canais populares, mas também o uso midiático da cultura popular. Outras informações podem ser adquiridas com a leitura de: LUYTEN, Joseph. Folkmídia: uma nova visão de folclore e de folkcomunicação. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006. p. 39-49; D'ALMEIDA, Alfredo. Folkmídia: a folkcomunicação nos veículos de massa. In: SCHMIDT, C. *op cit.* p. 73-88 e FERNANDES, Guilherme. Folkmídia. In: MARQUES DE MELO, José (ed.). **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. Vol. 1 – conceitos. São Paulo: Intercom, 2010. p. 559-562. Ressaltamos que essa (re)definição de Luyten causou um certo descontentamento com Benjamin, sendo logo superado.

entre a folkcomunicação e as relações públicas (folkmarketing) e para os estudos do folkturismo.

Por fim, o autor discute “a recepção na cultura folk de elementos de sua própria cultura reprocessados pela cultura de massa”, Nessa vertente, deve ser analisado o modo de se apropriar de elementos da cultura folk pelos produtores da cultura de massa, que, muitas vezes, procedem a uma seleção e reprocessamento a fim de tornar tais elementos compatíveis com os padrões e o estilo vigente em seu meio, ou seja, reincorporam os elementos da cultura folk com as características massivas introduzidas. Isso nem sempre ocorre de modo sadio. Benjamin (2000) observa algumas mudanças em rituais folk com a introdução dos *mass media*, a exemplo das cantorias que mudaram o estilo graças as cantoras de rádio. Já peças artesanais e grupos de danças transformaram seus adereços para ficar mais parecidos com os exibidos na televisão.

Acreditamos que essa concepção da nova abrangência da Folkcomunicação realizada por Roberto Benjamin é de vital importância para a concepção teórica desta teoria em face à contemporaneidade. Como o próprio professor aponta:

Em razão da dinâmica da vida cultura no Brasil os escritos de Luiz Beltrão precisam ser apreciados como obra fundadora, que abre uma nova perspectiva no caminho dos estudos da Comunicação e que requer uma revisitação que permita expandir a sua proposta para compreender os fatos culturais e comunicacionais do nosso tempo. (BENJAMIN, 2001, p. 18).

Desta forma, a contribuição do ex-aluno à obra fundadora do mestre para os novos estudos, visto que aspectos tecnológicos e de interface com os veículos de comunicação massiva não estão presentes nas obras de Beltrão.

Folkmídia: primeiras noções

Outra importante concepção teórica da Folkcomunicação defendida por Benjamin é a noção de Folkmídia (ou *folk media*), por isso ele é considerado o ‘pai’ da folkmídia no Brasil. Além dele, essa nova aceção da folkcomunicação foi estudada por Joseph Luyten, José Marques de Melo, e outros seguidores como Alfredo D’Almeida, Cristina Schmidt, Samantha Castelo Branco, entre outros.

Benjamin (2000) aponta que a folkcomunicação é a possibilidade de comunicação em nível folk, já a *folk media* são os canais utilizados pelo povo para realizar a comunicação. Benjamin (2000, p. 101-103) descreve a discussão internacional em torno da *folk media*. Segundo o pesquisador, em novembro de 1972 a Federação Internacional de Planejamento

Familiar reuniu-se em Londres (Inglaterra), sob patrocínio da Unesco, com a finalidade de discutir o uso integrado da *folk media* e dos *mass media* em programas de planejamento familiar. Assim, a discussão gerou em cinco recomendações:

- 1) realização do inventário dos *folk media* de interesse para os programas de planejamento familiar;
- 2) avaliação da qualidade e do impacto do uso dos canais populares;
- 3) desenvolvimento de projetos de uso dos *folk media*;
- 4) incorporação de temas e formas folclóricas nos currículos das escolas e programas de formação de extensionistas; e
- 5) criação de organizações internacionais que proporcionem assistência técnica e financeira para pesquisas na identificação, integração e extensão de manifestações populares para o planejamento familiar e outros esforços do desenvolvimento social. (BENJAMIN, 2000, p. 102)

Benjamin (2000) continua a difusão internacional da *folk media* a aponta que dois anos depois do encontro de Londres, foi realizado um outro em Nova Delhi (Índia), com os mesmos objetos, estabelecendo dez princípios:

- 1) os *folk media* podem ser uma parte integrante de todos os programas para o desenvolvimento rural;
- 2) os pré-requisitos para o uso dos *folk media* são: a) conhecimento da audiência rural; b) o uso destes meios para prover a população rural de reação para atrair sua atenção e sua participação nas atividades de desenvolvimento.
- 3) a utilização dos *folk media* nos programas de comunicação deve ser vista de uma perspectiva do desenvolvimento cultural e não apenas sócio-econômico;
- 4) o folclore reflete as mudanças da sociedade e evolui o seu interesse nas populações rurais;
- 5) nem todas as manifestações folclóricas podem ser usadas para a difusão dos programas de desenvolvimento; é preciso analisá-las do ponto de vista do conteúdo e caracterização da sua possível adaptação para veicular as mensagens do desenvolvimento;
- 6) as manifestações populares estão comprometidas com o ambiente social e narram os costumes das comunidades locais;

- 7) como os *folk media* têm raízes sócio-culturais, sua utilização deve ser mantida a nível de eventos locais e sua função maior está na estratégia para comunicações localizadas a nível de comunidade;
- 8) devem ser desenvolvidos esforços para que se preservem as formas originais de cada manifestação; as adaptações não devem alterar ou destruir as formas originais;
- 9) para uma mais efetiva estratégia de comunicação se deve estimular o uso dos *folk media* e dos *mass media* para obter o impacto ótimo e o *feedback* desejado; e
- 10) a colaboração entre os portadores de folclore e os comunicadores dos programas é essencial para o sucesso da integração dos *folk media* e *mass media* nas estratégias de comunicação para o desenvolvimento. (BENJAMIN, 2000, p. 102-103).

É com base nessa definição e nos tratados de Londres e Nova Delhi que Benjamin (2000) concebe a *folk media*, utilizando esse termo para se referir os canais específicos utilizados pelos comunicadores populares como: folheto, mamulengo (teatro popular de bonecos), cordel, almanaques, etc. Nas palavras do professor:

Alguns cientistas sociais e especialmente economistas brasileiros consideram que o estudo dos *folk media* é um divertimento de comunicadores desiludidos e entediados com as *mass media*, sem maior interesse. Ignoram que a existência da Folkcomunicação é praticamente universal e o interesse em seu estudo não é exclusivamente brasileiro. (BENJAMIN, 2000, p. 101).

Desta forma, percebemos que os canais populares de expressão de idéias e atitudes não devem ser visto só em seus aspectos diversionais, mas sim como veículo informativo, tal como o jornalismo tradicional, cumpre seu papel de propagação de notícias que não chegariam, com a mesma intensidade, a certa parcela da população.

Parte II – Contribuições Empíricas

Festas Populares

Em relação às festas, Benjamin (2004, p. 131) explica que “elas não constituem um padrão único, com características próprias e exclusivas, ainda que se possa estabelecer características comuns, os seus propósitos e as suas motivações são muito variadas”, o professor ainda diz que é fundamental distinguir as festas públicas e privadas.

Sobre as festas privadas, o professor atribuiu características folkcomunicacionais àquelas que se referem a ritos de passagens e são comemoradas no âmbito familiar ou de

pequenas comunidades. Porém, são as festas públicas que ele se dedica ao estudo, assim propõem duas categorias, as festas institucionalizadas e as espontâneas.

As festas institucionalizadas são realizadas, segundo Benjamin (2004, p. 132), “por iniciativa de uma instituição, com rituais normativos e sujeitas aos ditames de autoridade e hierarquia”. Já as festas espontâneas são tanto os festejos folclóricos tradicionais, bem como as comemorações públicas de conjuntos de parcela da população urbana.

O professor também explica que a festa é mutável e que vem sofrendo mudanças em sua organização, graças a massificação da cultura, urbanização, capitalismo e divisão do trabalho.

A tradição da festa era o amadorismo do festeiro. Constituía uma honra o indivíduo ser escolhido para organizar a festa da comunidade. Cabia-lhe o ônus de financiar, com seus próprios recursos, ou de levantar os recursos necessários através da mobilização da comunidade. Na cultura de massa, o festeiro virou profissional. Agora é denominado como ‘promotor cultural’ ou, mais pedantemente ainda, como ‘*promoter*’ e já não é uma honra atribuída pela comunidade, mas uma disputa entre pessoas que se propõem não a gastar dinheiro, mas a ganhar dinheiro com a realização da festa. (BENJAMIN, 2004, p. 136-137).

Deste modo, a festa que era considerada como a quebra do cotidiano de trabalho, passa a ser o cotidiano do trabalho para uma diversidade de novos profissionais criados pela sociedade capitalista. Benjamin não afirma e nem nós queremos fazer parecer que essa é uma característica geral de todas as festas. Sabemos que ainda existe, em cidades do interior de alguns estados brasileiros, principalmente nas festas de cunho religioso (a exemplo do ciclo da festa do Divino), a participação da comunidade em todas as etapas da organização, isso faz com que a festa detenha a característica de quebra do cotidiano, sobretudo para a população rural.

Espetacularização

Um ponto da espetacularização da cultura é a utilização direta dos grupos folclóricos, em geral com a combinação da presença de artistas e personagens olímpicos promovidos pelos meios de comunicação massivos, como apresenta Benjamin (2004, p. 141). De acordo com o pesquisador, isso tem como resultado a redução da diversidade de personagens, a simplificação da música e da coreografia, ressignificando a manifestação, que passa de uma prática religiosa, para um espetáculo comercial. Um dos maiores exemplos disso é a encenação da “Paixão de Cristo” na cidade Nova Jerusalém-PE. Nessa encenação, as personagens que representam Jesus, Maria Madalena, Maria Santíssima, Pôncio Pilatos, não são quem

teoricamente mais detém características físicas atribuídas a eles, mas quem teve maior visibilidade midiática no ano transcurso.

Benjamin (2004, p. 141) constata outra característica comumente utilizada nas manifestações populares: a exacerbação da sexualidade. O professor explica que

Mesmo as danças e folguedos que surgiram em locais de prostituição nas comunidades, nunca chegaram aos níveis de desnudamento e exibição de atributos sexuais como alguns eventos da comunicação de massa, de que têm sido exemplos os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. (BENJMAIN, 2004, p. 141).

Nesse íterim também chamamos a atenção para eventos criados apenas com finalidades mercadológicas, que não comporta nenhum traço da identidade e da cultura local/regional. Também temos como exemplo as micaretas (carnaval fora de época) realizadas em diversas cidades brasileiras, em uma tentativa de “copiar” uma tradição desenvolvida pelo carnaval de Salvador-BA.

Benjamin (2004, p. 25) chama a atenção que ao contrário do que é veiculado, que são de criação do povo brasileiro manifestações ditas únicas, originais e espontâneas, é na verdade fruto de incorporação de propostas de dominação cultural ao longo do período de colonização. Ou seja, se um dia havia algo ‘original’, hoje em dia não existe mais.

A sirene que toca, na madrugada, para encerrar o desfile da escola de samba – muitas vezes forçando a sua desclassificação e anulando o esforço criativo de um ano de trabalho dos seus integrantes – não toca no amanhecer do domingo de carnaval quando os caboclinhos de Goiana saem às ruas para a “caçada-do-bode”, em um momento dionisíaco de libertação ritual em que se revelam as suas entidades espirituais. (BENJAMIN, 2001, p. 23).

As manifestações folclóricas se transformaram na incorporação de outros elementos da tipicidade brasileira. Benjamin (2004, p. 25) é enfático ao dizer que “o que hoje parece espontâneo, não passa de permanência daquilo que nos foi dirigido e imposto pela cultura hegemônica. Muito do que chamamos de genuíno (...) é fruto da reinterpretação (...) ao longo dos anos”. O pesquisador (2004, p. 27) ainda diz que “a ideia do impacto apocalíptico, unificador, globalizante precisa ser relativizada”, assim diversas formas de relacionamento haverão de moldar uma nova identidade cultural. Nesse contexto, Benjamin elenca oito processos que os diversos sistemas culturais poderão passar, são eles: 1) resistência cultural; 2) refuncionalização como preservação; 3) fusão de elementos da cultura de massa, gerando novos produtos; 4) desaparecimento parcial, como sobrevivência de traços; 5) desativação com possibilidade de reativação e refuncionalização; 6) desaparecimento total; 7) sobrevivência na

arte erudita e na cultura de massas, através da projeção e 8) recriação com refuncionalização através da recuperação dos elementos projetados na arte erudita e na cultura de massas.

Gostaríamos de chamar atenção para o segundo e terceiro item que julgamos serem essenciais para entendermos a espetacularização. Sobre a refuncionalização como preservação, Benjamin (2004, p. 28) explica que “ocorre quando algumas das manifestações perdem as suas funções originais, mas sobrevivem ao encontrar uma outra função”. Para exemplificar, o pesquisador diz que a cerâmica e a cestaria perderam espaço para objetos de plástico e alumínio, sendo usado como material de decoração. Nesse caso, entendemos como algo positivo. Mas se pensarmos em manifestações da cultura popular que por algum motivo ‘perdeu sua função’ e está sendo manifesta com fins mercadológicos, a exemplo da capoeira em Salvador-BA, em que a prática por fins desportivos perdeu lugar, fazendo com que ela seja manifestada com fins comerciais. Nesse caso, já não julgamos tão positivo assim.

Em relação à fusão de elementos da cultura de massa, gerando novos produtos, o exemplo dado por Benjamin (2004, p. 28) é do baião, em que Luiz Gonzaga incorporou padrões da indústria fonográfica, gerando assim, um novo produto, que foi consumido tanto pelo novo público, como àqueles das áreas de origem. Esses exemplos foram postos para mostrar que a espetacularização e a industrialização nem sempre são inimigas da arte e da cultura popular. No entanto, é necessário fazer um planejamento de desenvolvimento sustentável para as atividades turísticas que envolvem produtos folclóricos, assim, os impactos da espetacularização da cultura popular serão menores. O desconhecimento de algumas tradições também encontra eco em seus trabalhos, como pode ser verificado nessa passagem:

Geração amamentada pela televisão, a maioria dos novos carnavalescos de Olinda é incapaz de gruir a diferença entre um maracatu e um clube de frevo, ignorando as tradições das agremiações. Juntam-se em blocos de “sujo” e saem pulando ladeira abaixo, ao som do mais recente frevinho-baiano, batuque de samba ou som veiculado pela novela. (BENJAMIN, 1983, p. 31).

Roberto Benjamin (2004) constata duas formas de representações de grupos folclóricos a serviço do turismo espetacularizado. Uma constitui-se dos mega-eventos em que celebrações tradicionais ganham incentivos do Governo e de empresas privadas. Com base em uso de tecnologias, modificam ritos e, em alguns casos, até muda as datas do calendário festivo. A outra modalidade é representada pelos shows para turistas, em que manifestações locais são transferidas do seu ‘habitat’ tradicional para lugares turísticos, como hotéis e jardins de museus. Ainda em relação aos grupos folclóricos, Benjamin (2004) aponta que

A prática continuada de apresentações em shows turísticos e mega-eventos, muda a função do grupo, de natureza religiosa ou de prática de lazer amadorística para uma semi-profissionalização que, em alguns casos, leva a tornar-se a principal fonte de receita dos seus dirigentes e integrantes. (BENJAMIN, 2004, p. 141).

Existem duas formas tradicionais de folkturismo. Um diz respeito ao turismo cultural e de eventos, especificamente ligados a danças, folguetos, festas populares, gastronomia rústica e artesanato. Já a outra forma remete ao turismo popular, sobretudo o religioso. A dança é uma manifestação da cultura popular que teve sua gênese nas expressões orientadas para homenagear aos deuses da natureza e práticas rituais que datam da pré-história, como as danças circulares ou as de linhas retas dos grupos tribais. Tidas como representações rudimentares a cultos sagrados. O Brasil, como bem diagnosticou Câmara Cascudo, é um rico país em tradições folclóricas. No que se refere às danças, cada região do país desenvolveu seu próprio movimento, assim podemos listar algumas, como: samba, carimbó, frevo, xaxado, ciranda, xote, entre outros. O que atrai turistas de regiões que elas não são típicas e até mesmo do exterior. O mesmo acontece com os folguetos, que são as danças com elementos teatrais, as manifestações do bumba-meu-boi, o maracatu e os rituais do reisado e da congada.

Benjamin (2004) adverte que

Se é grave a apropriação direta dos fatos culturais populares, ainda são mais graves e perversas outras formas mais sutis de expropriação. Aproveitando-se da conduta de pobreza e mesmo de miserabilidade dos integrantes dos grupos tradicionais, os órgãos de Governo e particulares da comunicação de massa e do turismo estão se apropriando de rituais comunitários, alguns dos quais de natureza religiosa e outros espetáculos dirigidos aos públicos tradicionais, para convertê-los em espetáculos de massa. Tais procedimentos – que ocorrem, por exemplo, com as escolas de samba e com o bumba-meu-boi de Parintins – estão sendo acelerados no sentido de expropriar os rituais que possam, por seu aparente exotismo, motivar a promoção turística e de identidade local e nacional. (BENJAMIN, 2004, p.84-85).

Benjamin (2004) preocupa-se com os fins mercadológicos do folkturismo e adverte que as manifestações folclóricas, como fatos culturais, existiram, existem e existirão, com o turismo ou apesar do turismo. Pelo fato de serem tradicionais e de caracterizarem a identidade de uma região é que se tornam ‘atrativos turísticos’. E por esse motivo, o professor não concorda com a subordinação das políticas culturais para o folclore às políticas do turismo, encarado como atividade econômica que visa à obtenção de lucros. Tudo segundo o interesse promocional e não os interesses dos portadores do folclore.

Folhetos Populares

Desde o seu primeiro estudo monográfico sobre Folkcomunicação o professor Roberto Benjamin tem se preocupado com as narrativas populares, especialmente como os folhetos populares – que exerce uma função comunicativa intermediária – de caráter informativo, interpretativo, opinativo e de entretenimento. Para Benjamin a Literatura de Cordel é um fenômeno dinâmico que sofre diferenciações do tempo e do espaço.

O pesquisador (1980, p. 106) aponta para uma aproximação dos poetas cantadores com os autores de Literatura de Cordel, pela temática e técnica empregada. Contudo, esclarece que não é verdadeira a afirmação de que os cantadores (repente, peleja etc) tenha se transferido para a forma impressa. Ressaltamos que, para Benjamin, “poetas populares” formam um gênero e, por exemplo, os cantadores são uma “espécie”. Para designar os autores de folhetos o autor utiliza a expressão “poetas de bancada”.

Assim, Benjamin reconhece três grupos de poetas de bancada: os poetas agricultores; os poetas artesãos e os poetas urbanos de grandes centros. O primeiro grupo é formado por “aqueles que habitam áreas rurais e se dedicam paralelamente a atividades de agricultura, seja como pequenos proprietários ou parceiros (colonos) seja como trabalhadores. São sempre analfabetos ou semi-alfabetizados” (BENJAMIN, 1980, p. 108). A respeito do conteúdo, o professor explica são folhetos de acontecimento, “com reportagens dos fatos das cercanias ou de repercussão local sobre temas religiosos” (idem).

Já os poetas-artesãos “são poetas estabelecidos com gráficas artesanais em cidades pequenas ou médias (...) os seus folhetos têm direção mais urbana, ainda que apareçam temas rurais, vivem só da poesia e atividades afim à editoração popular” (idem). Por fim, Benjamin classifica os “poetas urbanos de grandes centros” e explica que “quando se trata de imigrantes, às vezes a temática rural reaparece como nostalgia, a problemática é porém urbana” (BENJAMIN, 1980, p. 109). No que diz respeito ao conteúdo, a maior frequência é dos folhetos de acontecimento, com notícias de campeonatos esportivos, política e até mesmo internacionais. O professor nos lembra que nos três casos:

os poetas populares são líderes de opinião, consistentes de sua posição especial na sociedade onde vivem, da importância de suas opiniões, da postura de sua versão do acontecimento, da credibilidade de sua palavra e por isso mesmo refletem a ideologia vigente no seu público, ao qual é fiel e identificado. (BENJAMIN, 1980, p. 109).

Desta forma, Benjamin insere tanto os poetas como seu público leitor no sistema da Folkcomunicação de Luiz Beltrão. Benjamin também nos lembra que o folheto de acontecido (ou de ocasião), com fatos de atualidades alcançam grandes tiragens em poucos dias, porém dificilmente são reeditados. Já os folhetos de romance ou pelejas são constantemente reeditados “às vezes com versões variantes e mudanças de autoria” (BENJAMIN, 1980, p. 110).

Assim como os demais agentes intermediários, os autores recebem influências e têm fontes diversas, não se limitando aos meios de comunicação social. Nos folhetos de entretenimento a fonte é a tradição oral, outros poetas, a observação pessoal e até a literatura tradicional erudita, a novela radiofônica, o cinema e a telenovela. (BENJAMIN, 2000, p. 53).

Em relação ao público, Benjamin explica a audiência principal da Literatura de Cordel é ainda seu público tradicional “a gente do povo que frequenta feiras das pequenas cidades do interior do Nordeste e os moradores dos subúrbios, morros, alagados e córregos das capitais” (BENJAMIN, 1980, p. 114). O professor também relata que: “acontece também que um analfabeto ouve o folheteiro contar um romance na feira e, interessado pela narrativa compra um exemplar, para ser lido em casa, por outrem” (BENJAMIN, 2000, p. 115).

Outro fato interessante descrito por Benjamin (1980) é a relação do cordel com a política/censura, o professor relata: “poucas vezes as autoridades têm manifestado a sua censura à literatura de cordel, que passa sempre despercebida de busca e apreensão de folhetos, de detenção do poeta para averiguações, aliais, um equívoco.” (BENJAMIN, 1980, p. 116).

O professor (2004, p. 45-72) também ressalta o advento das novas tecnologias da comunicação e sua influência na edição dos cordéis e outros produtos oriundos da cultura popular, relatando casos de cantadores de viola que registram e comercializam suas músicas, índios que gravam suas manifestações em vídeos, destacamos o caso de Olegário Fernandes:

O poeta popular Olegário Fernandes, em 1979, recebeu a notícia da morte de Luiz Gonzaga, numa madrugada, pelo rádio e preparou um folheto de cordel que circulou em Caruaru em simultaneidade com os jornais de Recife que trataram do mesmo assunto. Agora, vendo pela televisão em tempo real o desastre de Nova York, apressou-se em publicar o folheto *O atentado terrorista e o nosso sofrimento*, dando não apenas a informação objetiva, mas fazendo a interpretação dos fatos e emitindo a sua opinião sobre as consequências. Outros poetas tomaram o mesmo caminho, quase todos assumindo uma posição crítica em relação à conduta hegemônica dos Estados Unidos. Vários desses folhetos foram digitados e impressos em computadores pessoais, utilizando em suas capas xilogravuras scannerizadas. (BENJAMIN, 2004, p.48, grifo do autor)

Além de mostrar a dinâmica temporal da literatura de cordel, Benjamin contribuiu para mostrar a importância relevância da folkcomunicação perante a globalização e às novas tecnologias da comunicação e da informação. Há também casos de cordéis disponibilizados eletronicamente e comercializados em regiões fora do alcance do seu produtor. Estes são alguns elementos da pesquisa empírica de Benjamin sobre as narrativas populares. O presente relato não é um limitador do assunto, mas sim um argumento para outras contribuições.

Considerações Finais

Nesses trabalhos ressaltamos algumas das pesquisas de Roberto Benjamin no universo da Folkcomunicação. Há outros exemplos de pesquisa empírica como as relativas à narrativa oral e gestualidade popular (BENJAMIN, 1996), devoções populares e ex-voto (BENJAMIN, 2004b), além de outros trabalhos que não tivemos acesso.

Os assuntos destacados neste estudo (nova abrangência da Folkcomunicação, folkmídia, festas populares, estepacularização folkcomunicacional e folhetos populares) são os que encontramos maior recorrência em citações de outros pesquisadores da Folkcomunicação. Assim como Beltrão, Benjamin conceituou aspectos do folclore e da cultura popular e seus processos comunicacionais baseados em pesquisa empírica de campo. Foi no contato com grupos marginalizados e observando *in loco* as manifestações que o professor desenvolveu seu arcabouço teórico.

A nova geração de pesquisadores e curiosos da teoria da folkcomunicação encontra nas obras de Roberto Benjamin um farto subsídio teórico e metodológico para desenvolver pesquisas. Todavia, como um fator dificultador é o acesso aos escritos – há alguns anos não encontramos nenhum livro de Benjamin, sobre folkcomunicação, disponível nas livrarias. Uma possível solução seria disponibilizá-los em formato de e-book.

Referências Bibliográficas

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Com. Gaúcha de Folclore, 2004.
- BENJAMIN, Roberto. “Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa”. **Revista SIGNOS**. Ano 25 nº 01. Lajeado: Univates, 2004b.
- BENJAMIN, Roberto. Expandindo a proposta da obra fundadora. **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional 5**. Ano V, nº 5. São Bernardo do Campo-SP:Umesp, 2001. p. 17-24.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.

- BENJAMIN, Roberto. (org.). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP e Unicap, 1998.
- BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: contribuição brasileira à escola latino-americana de comunicação. In: **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional 1998**. Ano II, nº 2. São Bernardo do Campo-SP: Umesp, 1998b. p. 133-138.
- BENJAMIN, Roberto. (org.). **A Fala e o gesto**: ensaios de Folkcomunicação sobre narrativas populares. Recife: Imp. Universitária, 1996.
- BENJAMIN, Roberto. O carnaval no Nordeste na encruzilhada da Folkcomunicação e da Comunicação de Massa. **Cadernos Intercom** - Carnaval Brasileiro: Comunicação de Massa ou Folkcomunicação? Ano 2, nº 5. São Paulo: Cortez Ed. e Intercom, 1983. p. 29-35.
- BENJAMIN, Roberto. Literatura de cordel: produção e edição no nordeste brasileiro. In: MARQUES DE MELO (coord.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 105-119.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.